

IRA

CE

MA

IRA

CE

josé de
alencar

MA

textos
informativos:
fátima
mesquita

LENDA DO CEARÁ



© Panda Books

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Projeto gráfico, diagramação e capa
Casa Rex

Diretora comercial
Patty Pachas

Notas
Fátima Mesquita
Ab Aeterno

Diretora de projetos especiais
Tatiana Fulas

Fotos
p.21: © Michael Doss/Wikimedia
Commons/CC BY-SA 2.0
p.129: © Leoadec/Wikimedia
Commons/CC BY-SA 3.0

Assistentes editoriais
Juliana Silva
Mayara dos Santos Freitas

Colaboração
Ronald Polito

Assistente de arte
Carolina Ferreira

Revisão
Cristiane Goulart
Carmen T. S. Costa

Impressão
Cromosete

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Alencar, José de, 1829-1877
Iracema / José de Alencar. – 1. ed. – São Paulo: Panda Books, 2015.
168 pp. il.

ISBN 978-85-7888-525-0

1. Romance brasileiro. I.Título.

15-25246

CDD: 869.93
CDU: 821.134.3(81)-3

2015

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

O QUE É UM CLÁSSICO?

Não sei você, mas pra mim “clássico” mesmo é jogo de futebol, tipo Fla X Flu, Coringão X Porco, Brasil X Argentina. Só que, na escola, os professores de português e de literatura cismavam em dizer que “clássico” eram os livros chatos que eles queriam porque queriam que a turma toda lesse. Ah, e não bastava empurrar pra cima da gente livro velho de fala complicada que a gente mal entendia. Além disso, eles ainda queriam que a gente fizesse exercício e prova sobre os textos. Pode haver castigo maior? E por que é assim?

Na minha aventura para tentar entender esse grande mistério da humanidade, comecei checando no dicionário o que quer dizer a palavra “clássico”. A definição varia de A a Z, mas lá pelas tantas diz mais ou menos assim: “Obra que se mantém ao longo dos tempos, que se tornou um modelo de inspiração, que pela sua qualidade obteve consagração definitiva”.

Beleza. Pra mim, saber melhor o que é considerado um “clássico” já ajudava a entender muita coisa, mas não mudava a minha opinião de que os clássicos eram uns chatos de galochal! E eu segui batendo nessa tecla por muito tempo, até que resolvi reler livros que eu havia empurrado com a barriga na escola pra ver se dava para acabar com essa conversa de sempre: de que os tais “clássicos da literatura brasileira” eram uns livros mais chatos que bêbado contando sonho. E, galera, vou admitir: quanto mais eu lia, mais eu gostava do que eu lia e mais eu me espantava com isso :)

RAPAZ DAS ALTAS

José Martiniano de Alencar era cearense, nasceu em 1º de maio de 1829, era filho de um senador do Império e logo seguiu a vida do pai na política, se elegendo por quatro vezes deputado pelo Ceará e ainda chegando a ser ministro da justiça e senador. Ele cresceu vendo de perto o dia a dia do sertanejo, do matuto cearense, e observando a natureza, e isso, com certeza, está presente em muitos dos seus livros.

Alencar estudou direito (parte em Olinda e parte em São Paulo) e trabalhou como jornalista, poeta, romancista, crítico e ensaísta. Aliás, ele começou a publicar os primeiros escritos dele quando era ainda estudante. Depois de formado, o escritor mudou de mala e cuia pro Rio, onde foi ficando até morrer em 1877 de tuberculose (que ele tinha desde criança), aos 48 anos de idade, depois de uma temporada na Europa pra um tratamento que não deu muitos resultados.

Como quase sempre acontecia antigamente, as primeiras coisas que Alencar publicou saíram em capítulos. Eram os chamados folhetins, publicados aos pouquinhos, em jornais, com o povo comprando para seguir o enredo assim como hoje em dia a galera acompanha novelas e seriados. Foi assim com *Cinco minutos* (1856) e *A viúvinha* (1857), por exemplo. Se bem que o que primeiro deu fama a esse cearense foi mesmo *O guarani*, que saiu em 1857.

ESTILO BEM BRASIL

Boa parte dos livros de José de Alencar explorava o Brasil, a ideia do que é ser brasileiro, da identidade nacional, do que nos diferencia do europeu, do português. Foi assim quando ele enveredou pelos temas históricos, falando da busca pelo ouro ou das batalhas pela expansão territorial em obras cheias de patriotismo como *As minas de prata*, *Alfarrábios* e *A guerra dos mascates*.

Coisa semelhante a gente também nota nos seus livros de temas indianistas, como *O guarani*, *Ubirajara* e este *Iracema* aqui, ou quando ele foi mais pro lado regionalista com *O gaúcho*, *O tronco do ipê*, *Til* e *O sertanejo*. Nesses romances, José de Alencar leva o leitor a áreas do Brasil afastadas da influência europeia que era evidente no Rio de Janeiro, mostrando, de repente, os pampas, o interior de São Paulo ou o homem do sertão do Nordeste.

Até mesmo quando Alencar explorou a vida urbana foi de um jeito diferente. Debaixo das tramas de amor, cheias de segredinhos e muito suspense, aos poucos, o leitor vai encontrando críticas em relação à hipocrisia e à desigualdade social que eram

comuns na época do chamado Segundo Reinado no Rio. Isso a gente vê muito claramente em trabalhos como *Senhora* (que é o mais importante deles), *Lucíola*, *Cinco minutos*, *A viuvinha*, *Diva*, *A pata da gazela*, *Sonhos d'ouro* e *Encarnação*.

Aliás, por ter sido mesmo o primeirão a mostrar o Brasil, a falar do Brasil e dos brasileiros, da tal da identidade nacional em seus livros, José de Alencar é considerado o pai da literatura nacionalista brasileira, usando e abusando de um vocabulário e de um jeito de construir as frases que era diferente, que passava mesmo longe do português usado até então nos livros. Ah, e ele é considerado também o maior escritor do Romantismo do nosso país.

CULTURA INDÍGENA

Os livros de José de Alencar dedicados aos temas indianistas como este *Iracema* que você tem agora em suas mãos tentam mostrar pra gente algumas das tradições indígenas – mitos, lendas, festas e costumes. Mas é tudo muito idealizado: o homem branco é o mau-mau da coisa e o índio é o bom-bom, um tipo ingênuo, puro, cheio de coragem, de bom caráter e que não tem “culpa” de ser selvagem.

No caso específico de *Iracema*, confesso que tive que fazer um esforço um tiquinho maior, porque virava e mexia me batia mó preguiça de ter que tentar entender aquele monte de termo que vem do tupi-guarani ou ainda o jeito engraçado com que as frases são construídas. Mas tem a coisa mesmo de ir seguindo no mapa as andanças, vendo que o Brasil não era como a gente imagina hoje, com as divisões dos estados assim tudo organizadinho.

O que é legal também é ver que o autor criou uma heroína forte, guerreira, que luta de igual pra igual com os homens – só perdeu mesmo para os males do amor.

Outra coisa que curti foi imaginar as batalhas, as praias... E foi mais legal ainda porque, quando comecei a reler este livro, eu estava justinho em Fortaleza, trabalhando por lá. E aí vi mesmo, na prática, que o José de Alencar usava muitas palavras, muitos nomes de lugares que ainda fazem, de um

jeito ou de outro, parte da vida cearense. Ou seja, vi na prática como Alencar construiu este enredo usando elementos locais, bem brasileirinhos.

A sua leitura vai ficar uma sopinha no mel, bem mais tranqüilax e fácil com o monte de textinho com **explicações** e **links** que a gente inseriu nesta edição de *Iracema*. É só não ficar sofrendo aí com a obrigação de ler o livro e se divertir. Você vai ver que debaixo de uma linguagem que hoje não é comum há coisas beeeem interessantes, como umas ceninhas de sexo. Agora o que eu quero ver é se você é esperto/esperta o suficiente pra sacar onde é que rola o bem-bom, hahaha.

Fátima Mesquita

 Fotos para contextualizar a cena.

 Sugestões de pesquisa na internet.

 Comentários curtos e bem-humorados.

 Dicas de vídeos para assistir online.

Significado de palavras e expressões em **vermelho**.

SUMÁRIO

Prólogo da primeira edição	10
Argumento histórico	13
I	18
II	21
III	26
IV	31
V	35
VI	38
VII	43
VIII	47
IX	52
X	56
XI	61
XII	67
XIII	71
XIV	76
XV	80
XVI	84

XVII	89
XVIII	94
XIX	97
XX	101
XXI	105
XXII	110
XXIII	114
XXIV	119
XXV	123
XXVI	128
XXVII	133
XXVIII	137
XXIX	141
XXX	146
XXXI	151
XXXII	154
XXXIII	159
Carta ao dr. Jaguaribe	161

PRÓLOGO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

MEU AMIGO.

Este livro o vai naturalmente encontrar em seu pitoresco sítio da várzea, no doce lar, a que povoa a numerosa prole, alegria e esperança do casal.

Imagina que é a hora mais ardente da **sesta**.

O sol a pino **dardeja** raios de fogo sobre as areias natais; as aves emudecem; as plantas **languem**. A natureza sofre a influência da poderosa irradiação tropical, que produz o diamante e o gênio, as duas mais brilhantes expansões do poder criador.

Os meninos brincam na sombra do **outão**, com pequenos ossos de **reses**, que figuram a boiada. Era assim que eu brincava, há quantos anos, em outro sítio, não mui distante do seu. A dona da casa, terna e incansável, manda abrir o coco verde, ou prepara o saboroso creme do buriti para refrigerar o esposo, que pouco há recolheu de sua excursão pelo sítio, e agora repousa embalando-se na macia e cômoda rede.

Abra então este livrinho, que lhe chega da corte imprevisto. Percorra suas páginas para **desenfastiar** o espírito das coisas graves que o trazem ocupado.

Talvez me desvaneça amor do ninho, ou se iludam as reminiscências da infância avivadas recentemente. Se não, creio que, ao abrir o pequeno volume, sentirá uma onda do mesmo aroma silvestre e bravio que lhe vem da várzea. Derrama-o, a brisa que perpassou nos **espatos** da carnaúba e na ramagem das aroeiras em flor.

Essa onda é a inspiração da pátria que volve a ela, agora e sempre, como volve de contínuo o olhar do infante para o materno semblante que lhe sorri.

O livro é cearense. Foi imaginado aí, na limpidez desse céu de cristalino azul, e depois vazado no coração cheio das recordações vivaces de uma imaginação virgem. Es-

Sesta é aquele cochilo bom que tiramos depois do almoço.

Dardeja: emite, joga.

Languir é ficar fraco, é amolecer que nem manteiga na panela.

Outão: lateral da montanha.

Res: boi, vaca.

Desenfastiar: distrair.

Espatos: espetos.

crevi-o para ser lido lá, na varanda da casa rústica ou na fresca sombra do pomar, ao doce embalo da rede, entre os murmures do vento que crepita na areia, ou farfalha nas palmas dos coqueiros.

Para lá, pois, que é o berço seu, o envio.

Mas assim mandado por um filho ausente, para muitos estranho, esquecido talvez dos poucos amigos, e só lembrado pela incessante desafeição, qual sorte será a do livro?

Que lhe falte hospitalidade, não há temer. As **auras** de nossos campos parecem tão impregnadas dessa virtude primitiva, que nenhuma raça habita aí, que não a inspire com o hálito vital. Receio, sim, que o livro seja recebido como estrangeiro e hóspede na terra dos meus.

Se porém, ao abordar as **plagas** do Mocaripe, for acolhido pelo bom cearense, prezado de seus irmãos ainda mais na adversidade do que nos tempos prósperos, estou certo que o filho de minha alma achará na terra de seu pai, a intimidade e conchego da família.

O nome de outros filhos enobrece nossa província na política e na ciência; entre eles o meu, hoje apagado, quando o trazia brilhantemente aquele que primeiro o criou.

Nesse momento mesmo, a espada heroica de muito bravo cearense vai ceifando no campo da batalha ampla **messe** de glória. Quem não pode ilustrar a terra natal, canta as suas lendas, sem metro, na rude toada de seus antigos filhos.

Acolha pois esta primeira mostra para oferecê-la a nossos **patrícios** a quem é dedicada.

Este pedido foi um dos motivos de lhe endereçar o livro; o outro saberá depois que o tenha lido.

Muita coisa me ocorre dizer sobre o assunto, que talvez devesse antecipar à leitura da obra, para prevenir a surpresa de alguns e responder às observações ou reparos de outros.

Mas sempre fui avesso aos prólogos; em meu conceito eles fazem à obra, o mesmo que o pássaro à fruta antes de colhida; roubam as primícias do sabor literário. Por isso me reservo para depois.

Aura: vento suave, brisa.

Plaga: região.

Messe: conquistas.

E Que playboy que nada! Patrícios são pessoas da mesma pátria.

Na última página me encontrará de novo; então **conversaremos a gosto**, em mais liberdade do que teríamos neste pórtico do livro, onde a etiqueta manda receber o público com a gravidade e reverência devida a tão alto senhor.

Rio de Janeiro, maio de 1865.

José de Alencar

Uma dica: vale a pena ir à página 162 para ler a continuação dessa conversa de Alencar antes de começar a ler a história. Lá, ele explica direitinho como começou a escrever este romance, de onde veio a ideia etc. Isso pode ajudar você a entender um tiquinho melhor esse clássico da nossa literatura.

ARGUMENTO HISTÓRICO

Em 1603, Pero Coelho, homem nobre da Paraíba, partiu como capitão-mor de descoberta, levando uma força de oitenta colonos e oitocentos índios. Chegou à foz do **Jaguaribe** e aí fundou o povoado que teve o nome de Nova Lisboa.

Foi esse o primeiro estabelecimento colonial do Ceará.

Como Pero Coelho se visse abandonado dos sócios, mandaram-lhe João Soromenho com socorros. Esse oficial, autorizado a fazer cativos para indenização das despesas, não respeitou os próprios índios do Jaguaribe, amigos dos portugueses.

Tal foi a causa da ruína do nascente povoado. Retiraram-se os colonos pelas hostilidades dos indígenas; e Pero Coelho ficou ao desamparo, obrigado a voltar à Paraíba por terra, com sua mulher e filhos pequenos.

Na primeira expedição foi ao Rio Grande do Norte um moço de nome Martim Soares Moreno, que se ligou de amizade com Jacaúna, chefe dos índios do litoral e seu irmão Poti. Em 1608 por ordem de d. Diogo de Meneses voltou a dar princípio à regular colonização daquela capitania; o que levou a efeito, fundando o presídio de Nossa Senhora do Amparo em 1611.

Jacaúna, que habitava as margens do Acaracu, veio estabelecer-se com sua tribo nas proximidades do recente povoado, para o proteger contra os índios do interior e os franceses que infestavam a costa.

Poti recebeu no batismo o nome de Antônio Filipe Camarão, que ilustrou na guerra holandesa. Seus serviços foram remunerados com o **foro** de fidalgo, a **comenda** de Cristo e o cargo de capitão-mor dos índios.

Martim Soares Moreno chegou a mestre de campo e foi um dos excelentes cabos portugueses que libertaram o Brasil da **invasão holandesa**. O Ceará deve honrar sua memória como de um varão prestante e seu verdadeiro fundador, pois que o primeiro povoado à foz do rio Jaguaribe não passou de uma tentativa frustrada.

O rio era o maior da província e o nome vem da quantidade de onças que povoam suas margens - jaguar significa "onça" e iba, "abundância".

Foro é um título e a comenda, uma honraria.

8 Para conquistar o Nordeste, a Companhia Holandesa das Índias Ocidentais fez diversas incursões conhecidas como invasões holandesas. Saiba mais no Google.

Este é o argumento histórico da lenda; em notas especiais se indicarão alguns outros subsídios recebidos dos cronistas do tempo.

Há uma questão histórica relativa a este assunto: falo da pátria do Camarão, que um escritor pernambucano quis pôr em dúvida, tirando a glória ao Ceará para dar à sua província.

Este ponto, aliás somente contestado nos tempos modernos pelo sr. comendador Melo em suas *Biografias*, me parece suficientemente elucidado já, depois da erudita carta do sr. Basílio Quaresma Torreão, publicada no *Mercantil*, nº 26, de 26 de janeiro de 1860, 2ª página.

Entretanto farei sempre uma observação.

Em primeiro lugar a tradição oral é uma fonte importante da história, e às vezes a mais pura e verdadeira. Ora, na província de Ceará, em Sobral, não só se referiam entre gente do povo notícias do Camarão, como existia uma velha mulher que se dizia dele sobrinha. Essa tradição foi colhida por diversos escritores, entre eles o **conspícuo** autor da *Corografia Brasília*.

O autor do Valeroso Lucideno é dos antigos o único que positivamente afirma ser Camarão filho de Pernambuco; mas além de encontrar este asserto à versão de outros escritores de nota, acresce que Berredo explica perfeitamente o dito daquele escritor, quando fala da expedição de Pero Coelho de Sousa a Jaguaribe, *sítio naquele tempo e também no de hoje da jurisdição de Pernambuco*.

Outro ponto é necessário esclarecer para que não me censurem de infiel à verdade histórica. É a nação de Jacaúna e Camarão que alguns pretendem ter sido a tabajara.

Há nisso manifesto engano.

Em todas as crônicas se fala das tribos de Jacaúna e Camarão como habitantes do litoral, e tanto que auxiliam a fundação do Ceará, como já haviam auxiliado a da Nova Lisboa em Jaguaribe. Ora, a nação que habitava o litoral entre o Parnaíba e o Jaguaribe ou Rio Grande, era a dos **pitiguaras**, como atesta Gabriel Soares. Os tabajaras habitavam a Serra de Ibiapaba, e portanto o interior.

Conspícuo: notável.

g Corografia Brasília, do padre Manuel Aires de Casal, foi o primeiro livro editado no Brasil, em 1817.

Os descendentes dos pitiguaras, também chamados potiguaras, adotavam o sobrenome Camarão ao serem batizados, sendo Felipe Camarão o mais famoso.

Como chefes dos tabajaras são mencionados Mel Rondono no Ceará e Grão Diabo em Piauí. Esses chefes foram sempre inimigos irreconciliáveis e rancorosos dos portugueses e aliados dos franceses do Maranhão, que penetraram até Ibiapaba. Jacaúna e Camarão são conhecidos pela sua aliança firme com os portugueses.

Mas o que solve a questão é o seguinte texto. Lê-se nas *Memórias diárias* da guerra brasílica do Conde de Pernambuco: – 1634, janeiro 18: “Pelo bom procedimento com que havia servido A. F. Camarão, o fez el-rei capitão-mor de todos os índios, não somente *de sua nação, que era Pitiguar*, mas das outras residentes em várias aldeias”.

Esta autoridade, além de contemporânea, testemunhal, não pode ser recusada, especialmente quando se exprime tão positiva e intencionalmente a respeito do ponto duvidoso.

À Terra Natal
um filho ausente

I

Duas dicas: não se desespere com a chuva de nome de bicho e planta que o José de Alencar usa. Às vezes cansa mesmo, mas você tem que sacar que ele fez isso porque queria mesmo falar da cultura, do jeito de viver dos índios daquela época, né? A outra coisa que às vezes complica é que nos diálogos ninguém diz “Eu quero isso”. Se é a Iracema que quer, ela diz: “Iracema quer isso”.

Verdes mares bravios de minha terra natal,
onde canta a jandaia¹ nas frondes da carnaúba;

Verdes mares, que brilhais como líquida
esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando
as alvas praias ensombradas de coqueiros;

¹ **onde canta a jandaia:** diz a tradição que Ceará significa na língua indígena – *canto da jandaia*. Aires do Casal, *Corografia Brasileira*, refere essa tradição. O senador Pompeu, em seu excelente dicionário topográfico, menciona uma opinião, nova para mim, que pretende vir *Siará* da palavra *suia* – caça, em virtude da abundância de caça que se encontrava nas margens do rio. Essa etimologia é forçada. Para designar quantidade, usava a língua tupi da desinência *iba*; a desinência *ara* junta aos verbos, designa o sujeito que exercita a ação atual; junta aos nomes, o que tem atualmente o objeto; ex. *Coatiara* – o que pinta, *Juçara* – o que tem espinhos.

Ceará é o nome composto de *cermo* – cantar forte, clamar, e *ara* – pequena arara ou periquito. Essa é a etimologia verdadeira, e não só conforme à tradição como às regras da língua tupi. (N.A.)